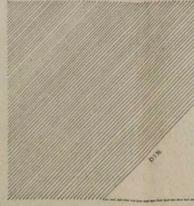
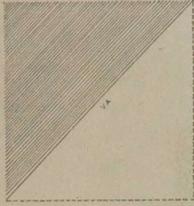
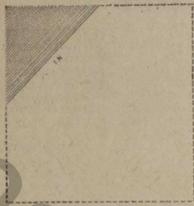


DESENHO BRASILEIRO 74



ANA MARIA MAIOLINO
Invadindo / nanquim sobre papel / 1971

UM RESUMO HOJE NO MAM

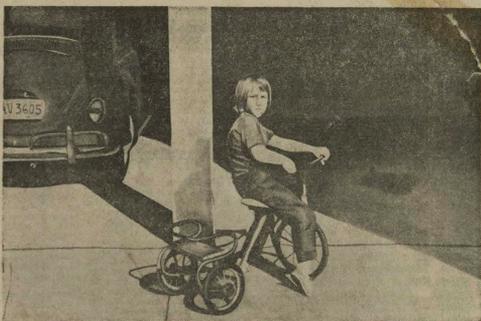
Roberto Pontual

INAUGURA-SE hoje, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a mostra Desenho Brasileiro 74, depois de originalmente exibida em Campinas, no final do ano passado. Como já pude referir em outras ocasiões, ela agrupa os primeiros resultados de uma tentativa de reformulação e abertura do Salão de Arte Contemporânea de Campinas, no seu nono ano de existência. Consciente de novos elementos em jogo, o Museu de Arte Contemporânea da cidade paulista, que o organiza, dispôs-se a renová-lo desde a base, propiciando-lhe uma atualidade de estrutura organizativa e um interesse de abordagem didática in-comum nesse tipo de certame. Assim, o conjunto dos quase 200 trabalhos de 20 artistas participantes da mostra como convidados — de modo a lhe garantir uma panorâmica de pontos-chave no desenvolvimento do setor, ao longo dos últimos cinco ou seis anos — e de 55 alunos, rigorosamente escolhidos entre cerca de 300 inscritos, fornece um resumo hábil daquilo que a crítica tem detectado com insistência na atividade criadora de nossos artistas das gerações mais recentes: a redescoberta do desenho e a adesão a ele como veículo oportuno.

Parece não haver dúvidas de que o desenho atravessa nesse momento, entre nós, uma situação ascendente, por contraste com o esvaziamento da gravura, pouco a pouco diluída na repetição de aghados ou a crescida apenas do amparo acessório de novas técnicas paralelas, sem o alento de outras épocas. O fato é que o desenho aí está, se afirmando através dos caminhos os mais variados, desde os que ainda se apoiam nos dados visuais — o registro da figura humana, dos objetos cotidianos, da paisagem e do imaginário, ou o exercício da construção não alusiva — até os de ativação acentuada de conceitos, com uso frequente de elementos da área verbal. O melhor procedimento agora, aproveitando a mostra, é analisar as características e as razões dessa emergência, que evidentemente não se deu por um simples ato simultâneo de vontade de alguns artistas, mas por corresponder a necessidades de um contexto mais amplo, hoje generalizado.

Antes de mais nada, desenhar sempre se desenhou, aqui e em qualquer parte. O que está acontecendo de especial, de uns dois anos para cá, é a demonstra-

ção irrecusável de preferência pelo desenho, da parte dos jovens que se iniciam e se desejam atualizados, contrariando o rumo anterior, identificado com toda a série de tentativas de superação do plano pelo espaço pleno, em objetos, ambientes e manifestações de diversa ordem. Mas esse retorno tático à bidimensionalidade, cumprido também por artistas que se haviam comprometido com as saídas tridimensionais e com o trabalho da arte-vida, na faixa entre 1967 e 1971, não se apresentou de repente, de um dia para o outro, sem histórico e raízes. Ele veio sobretudo como consequência de uma consequência do rompimento do suporte convencional, característico do período pós-moderno em que igualmente ingressamos desde meados da década de 60 — ou seja, como consequência da pesquisa dita conceitual, substituindo o objeto pelo conceito, mais interessada na valorização do projeto, da anotação, do registro imediato, ainda que calculado, do que da obra concluída, fechada em seu próprio circuito, isenta de um prosseguimento obrigatório a nível mental.



LUIS GREGORIO CORREA
Criança na Calçada pastel / 1973

MESMO na época de maior intensidade do trabalho ambiental ou aleatório, na faixa de tempo há pouco referida, diversos de nossos artistas mais jovens aplicavam-se simultaneamente ao desenho, lado a lado com outros meios então de grande apelo. Eram, em especial, os casos do grupo paulista constituído em torno da que viria a ser chamada Escola Brasil, sob a liderança de Frederico Nasser, Luis Paulo Baravelli, José Resende e Carlos Fajardo, com a presença envolvente do guru Wesley Duke Lee, e de um certo número de artistas mineiros, sediados em Belo Horizonte e longinquamente impulsionados pela continuidade das lições de Guignard, destacando-se, entre eles, Márcio Sampaio, Madu, Manuel Augusto Serpa de Andrade, José Ronaldo Lima e Alvaro Apocalypse. No Rio, com os artistas mais dispersos, o desenho vivia sobretudo a onda da retomada do surrealista, que Ivan Serpa e Darciello Lima bem exemplificavam e impeliam, junto à presença um pouco mais retraída de Roberto Magalhães, ao qual, no entanto, viriam se filiando algumas das melhores revelações de desenhistas

nos últimos tempos, como Walfredo Caldas.

Foi portanto dessa base que praticamente todo o nosso desenho atual e atualizado partiu, afirmando agora seu predomínio. De um lado, a tendência dos paulistas para o refinamento do registro autobiográfico, cujo requinte nasce da espontaneidade calculada do gesto e da pouca atração pela nobreza dos materiais (tudo se passa como nas folhas de um caderno de diário, retiradas e mostradas uma a uma), ou para o uso da disciplina geométrica como recurso de analogia aos dados da natureza (Tuneu, Marcos Concello e Yokio Suzuki são bons exemplos disso). Do outro, a envolvimento ensinadamente telúrica dos mineiros — bem diferente do fundamento telúrico monumentalizante dos nordestinos, que acabou levando naturalmente à predileção pelos grandes espaços da pintura; os artistas de Minas ruminam o seu isolamento, às vezes com humor, e mesmo quando já fora de lá, pororam o cotidiano com a súbita aparição tranquila do sonho realístico, como no desenho ou na pintura gráfica mais recente de

Wilma Martins, estabelecendo o elo entre Guignard e o nosso instante, a montanha e o mar, o olhar para dentro e o espanto do olhar aberto. E, por fim, a liberação onírica, expressionista e crítica, agressivamente desconstruída, que marca com maior evidência o rumo carioca, como num Barrio, num Cléo Meireles, num Grantato ou num Guima, tendendo mais para o controle conceitual no caso de Vergara, Gerhman, Maria do Carmo Secco, Luiz Alphonsus e Ana Maria Maiolino, citando apenas uns poucos.

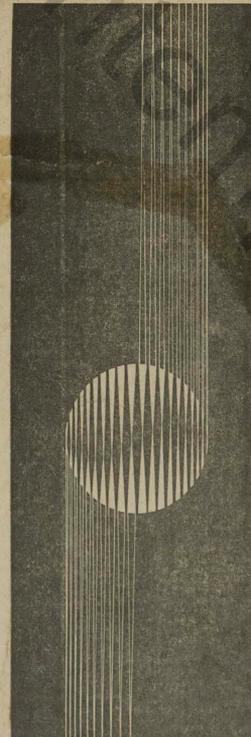
É claro que vários outros rumos estão agora sendo cumpridos pelos ainda mais jovens, em muitos pontos do país, com destaque especial para a pesquisa de um máximo realismo (Anador Perez, Carlos Eduardo Zimmermann, Luis Carlos Lindenberg, etc.), ao mesmo tempo objetivador e miniatrizante da realidade, entre a minúcia da exatidão e o jogo significativo da ilusão. Por reunir, sinteticamente, exemplos preciosos da quase totalidade desses rumos e dos que antes anotei, é que a mostra Desenho Brasileiro 74, hoje se abrindo no Rio, acentua sua substância e interesse.



LUIS CARLOS LINDENBERG
BB ecoline sobre papel / 1974



GERALDO PORTO E CHICO FRANZE
Estrela, papel quadrícula, lápis, tecido e papel laminado / 1974



LOTHAR CHAROUX
Vibração quache sobre papel / 1970

Carlos Drummond de Andrade

Desagradável

Soube que tem um cavalo morto, no quintal da casa de subúrbio. Não fui ver. Li. A notícia não é adequada a este canto distinto de página. Nem a consigo para requerer à autoridade competente que faça recolher dita alimária com a necessária urgência. Quem sou eu para deprecar alguma coisa a alguém, se nem por mim mesmo costume ser deferido no que depreco?

Interesse ou não, seja ou não matéria de minha coluna, o fato é que tem, ou há, como se dizia antigamente, um cavalo morto no quintal subúrbio. É uma objetividade (não somos subjetivos, diz o Cesgranrio negando a possibilidade de julgamento correto da prova de redação, pelo que fica abolida a redação e fica abolida o Português escrito). É uma objetividade, como escamoteia-la?

O dono da casa põe a mão na cabeça. Que fazer de um grande cadáver que aparece, sem ser convidado, em nosso quintal? Somos particulares; não dispomos de equipamento para atender a casos desta natureza. É vasto, um cavalo; reduzida a nossa força, exigente a nossa vista, suscetível o nosso olfato. Urubus tomam conhecimento e começam a circunovar o banquete. O serviço de limpeza urbana tarda a chegar; choveu, telefone enguiçado, essas coisas. Veio sol e desce a noite. Vamos dormir.

Ninguém dorme a poucos metros de um cavalo insolentemente morto. Ele atrapalha. Vivo, seria uma bela presença. Mas surgiu ali, inexplicavelmente, morto. Ninguém o viu antes. Bom de montaria? Fogoso? Tudo hipóteses. De concreto, a massa incômoda, ameaçando decompor-se.

Vem a manhã, o dia progride. Ninguém almeja ou junta nessas condições. Somos alhados com reprovação pelos vizinhos, se os temos; se não temos, pior ainda: o cavalo fica sendo o nosso vizinho, tremotivo, e é para nós que apodrece.

Recusa estar escrevendo algo estupidamente desagradável. Afinal o caso não se passa comigo, que não tenho quintal nem mora no deus-me-livre. Contudo, esse homem incomodado em sua casa é meu amigo. Nunca o vi, não nos conhecemos sequer de nome, mas aprendo nele, em sua situação nesta hora, o parentesco elementar, a identidade que me faz sentir o que ele sente e, por impregnação súbita, captar, com repugnado nariz e olhos incômodos, o mau odor, a visão, o peso, a monumentalidade fétida e desabada de um cavalo morto, a pequena distância dos meus recursos de sabonete, lavanda e desinfetante.

Mas que cavalo é esse, como foi que veio rolando morro abaixo e foi cair e quebrar-se em minha área de existência? Empurraram-no, assustaram-no, precipitaram-se de despeço, a decrepitude ou a fêmea e lezaram a pisar em falso, estava cansado por inútil ou laçante? Como se desmancha assim uma organização de tal imponência em sua arquitetura harmoniosa, pois a cavalo é das mais lindas formas do repertório da natureza, e essa forma bem que merece ser poupada de fim tão reles?

Não adianta poetizá-lo, como fez Cecília Meireles, de passagem do ver emergir da neve da manhã, outro cavalo morto: "Grãos de cristal rolavam pelo seu flanco nítido." Este não morreu no campo, seu território e cenário, com a nobreza do rei que morre em seu palácio. Foi acabar entre pobres couves, uma bica pingando, um mamoeiro, cachorrinho latindo ante o imprestido. E não havia quem o tirasse de lá, para o incêndio esmerilhado (que não existe) dos cavalos mortos.

Desculpem-me encher com o seu corpo volumoso a leveza desta coluna. E sem água de colônia para olfatos exigentes, Cadi, flocos, damas e cavaleiros passem de largo, pois tem um cavalo morto no quintal. Aquele cavalo que não correu no joquei nem vitos trotar pelo calçadão da Avenida Atlântica nem aconteceu no quadro de De Chirico, mas que às vezes aparece em nosso sonho, galopando, livre, indomável, sem cavaleiro e sem brida, na planície infinita.